



O estudo do futuro perifrástico e do futuro sintético com verbos hipotéticos no português brasileiro

The study of the periphrastic future and the synthetic future tenses with hypothetical verbs in Brazilian Portuguese

Aline Peixoto Gravina

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina / Brasil
aline.gravina@uffs.edu.br

Eduardo Henrique Brizola

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó/ Santa Catarina/Brasil
eh.brizola@gmail.com

Resumo: O uso do futuro perifrástico tem se mostrado como a construção preferencial dos falantes do português brasileiro e apontado como um fenômeno de mudança linguística na língua. Diante disso, esta pesquisa buscou inovar e aprofundar possíveis análises dessa mudança, ao se propor averiguar, a partir de um ponto de vista formal da gramaticalização, a escolha do tempo verbal futuro (simples ou perifrástico) de informantes nativos do português brasileiro diante de verbos hipotéticos. Para cumprir esse objetivo, a metodologia consistiu em aplicar um questionário online com quinze verbos hipotéticos nos tempos futuro simples e futuro perifrástico a informantes brasileiros, maiores de dezoito anos e que tivessem concluído o ensino médio. Os resultados encontrados constataram a presença de uma variação no uso dessas construções, justificada, na ótica deste estudo, pela influência da gramática periférica do falante (nos termos de KATO, 2005). Ainda assim, os indícios de mudança podem ser averiguados na pesquisa, na medida em que mesmo com verbos hipotéticos, a construção do futuro pelo uso da perífrase apresentou um percentual maior de preferência em todos os contextos analisados.

Palavras-chave: futuro perifrástico; gramática nuclear; gramática periférica; mudança linguística.

Abstract: The use of the periphrastic future tense has been shown as a variant in the trajectory of change of Brazilian Portuguese. Several studies have been demonstrating the speaker's preference for the use of verbal periphrasis in the future tense - eg: *vou / irei estudar* - in the place of use of the simple future tense – eg.: *estudarei*. In this sense, this research sought to innovate and deepen an analysis of that change, by proposing to find out, from a formal viewpoint on grammaticalization, the choice of verbal tense (simple or periphrastic future) of native informants of the Brazilian Portuguese with hypothetical verbs. The methodology consisted of applying an online form to Brazilian subjects, over 18 years of age and who had completed high school. In relation to the results found, we observe that because it is a written experiment, peripheral grammar (schooling) was present in a quantitative way in our results. However, signs of change in the language can be examined and analyzed, that is, even with hypothetical verbs the future construction in the language is in the way of the implementation of verbal periphrasis. At the same time, it was possible to observe, by studying the contexts, that the synthetic future tense is still present, especially due to the influence of schooling.

Keywords: periphrastic future; nuclear grammar; peripheral grammar; linguistic change.

Recebido em 15 de março de 2019

Aceito em 31 de março de 2019

1 Introdução

Estudos como os de Santos, A. (1997) Santos, J. (2000), Gibbon (2000, 2014), Oliveira (2006), Bragança (2008) Fonseca (2010) e Viera (2014) apontam que o futuro verbal no Português Brasileiro (doravante PB) tem apresentado mais de uma possibilidade de construção sintática nos últimos tempos, tendo sofrido uma mudança linguística, ou estaria, ao menos, no caminho dessa mudança. A principal inovação seria a partir de construções perifrásticas com o uso do verbo *ir*, como em *vou/irei fazer* no lugar de *farei*. É possível observar processos de mudança no uso do tempo futuro desde o latim, contudo, nessa língua, constatou-se a formação de uma construção “nova” para o futuro de maneira inversa ao que se tem visto na atualidade do PB: o futuro no latim era feito por uma forma modal analítica (ex.: *cantare habeo* – primeira pessoa) que foi se simplificando (ex.: *cantar hei*) até ser aglutinada ao final do verbo como desinência (ex.: *cantarei*) (CÂMARA JR., 1985). No PB, no entanto, já havia (e há) a formação do futuro do presente do indicativo por adição de

desinência, mas esse está dividindo espaço com outra variante, construída pela adição de verbos auxiliares antes de verbos no infinitivo (exemplos: *vou cantar*, *irei cantar* – primeira pessoa).

Diante de tais fatos, a presente pesquisa teve o objetivo de analisar se a intuição do falante do PB está realmente direcionando-se à internalização dessas inovações linguísticas, deixando de lado, de maneira lenta, o uso de construções tradicionais. Aqui, faz-se referência aos Futuros Perifrásticos e Sintético, respectivamente.

Para tanto, utilizou-se, a partir de um formulário online, a coleta de dados de intuição de informantes do PB que concluíram o Ensino Médio. Foram-lhes fornecidos verbos inexistentes (hipotéticos) com seus respectivos significados e esperou-se que, depois de inseridos num contexto situacional, eles indicassem a forma mais natural que expressasse o futuro. Optou-se por não utilizar verbos existentes no PB para que o falante não fosse influenciado por construções já cristalizadas por suas experiências, conseqüentemente, não havendo interferências em suas escolhas sobre fazer uso de um ou outro tipo de futuro. Ao se depararem com palavras nunca antes ouvidas, faladas ou escritas foram testadas suas liberdades enquanto falantes e investigadas as regras de nível sintático que se mostraram mais protuberantes no que se poderia chamar de tecido mental da língua. Relacionando todas essas questões, visualizou-se quais rotas o PB tem tendência a seguir em relação ao uso do tempo futuro.

Após essa breve introdução da pesquisa, serão apresentados a seguir os principais referenciais teóricos sobre o tema, a metodologia detalhada da forma de análise e a reflexão sobre os resultados obtidos.

2 Gramaticalização

A construção perifrástica, formadora do futuro no PB, tem como característica a presença do verbo “ir” e esse verbo, por sua vez, teria sofrido um processo de deslexicalização, ou seja, perdido seu conteúdo lexical de verbo de deslocamento e adquirido um valor mais abstrato, temporal. Em outras palavras, *ir* teria passado por um processo de *gramaticalização*.

O termo gramaticalização foi introduzido inicialmente pelo linguista Antoine Meillet para designar determinados fenômenos de natureza diacrônica. Uma de suas obras, *Linguistique historique et linguistique générale*, publicada no ano de 1921, foi a que trouxe o artigo

inaugural que formulou o conceito de gramaticalização da maneira como é utilizado modernamente. Meillet definiu a gramaticalização como sendo um processo no qual uma palavra autônoma passa a apresentar um caráter gramatical. Para exemplificar, o francês apresentou as fases as quais o verbo *être* enfrentou até sofrer um esvaziamento semântico e deixar de ser uma palavra principal – com o sentido de “ser/estar” – para tornar-se um auxiliar de formação do passado composto.

De maneira geral, na gramaticalização, itens lexicais, como verbos, adjetivos e nomes, passam a categorias esvaziadas semanticamente, como verbos auxiliares ou preposições. Assim, nas perífrases analisadas nesse estudo, o verbo *ir* teria passado pelo mesmo processo que o verbo “to go” no inglês. Na língua inglesa, há um verbo “to go” com moção no espaço e outro que funciona como verbo auxiliar. De acordo com estudos históricos, é possível averiguar que o verbo com o sentido de moção (movimento) no espaço veio antes do verbo como auxiliar e, por isso, a hipótese é de que esse verbo tenha sofrido um processo de gramaticalização.

Hopper (1991) afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudança. Quando gramaticalizadas, as palavras deixam de ser simplesmente comandadas pelo discurso para fazer parte do conjunto de mecanismos que as estruturam – a categoria gramatical é responsável pela organização de um texto, pela referência de partes já ditas, além de identificar tempo, aspecto e modo. Como o fenômeno da gramaticalização decorre em estágios, as várias funções que os itens lexicais desempenham até transformarem-se completamente em itens gramaticais podem acabar coexistindo. Por essa razão, Hopper e Traugott (1993) afirmam que é possível fazer um estudo da gramaticalização tanto por um viés diacrônico quanto por um viés sincrônico.

Câmara Jr., por exemplo, professor, pesquisador e linguista brasileiro, esmiuçou, em sua obra de 1985 intitulada *História e estrutura da língua portuguesa*, um pouco sobre as etapas que o verbo latino *habere* (haver) passou ao longo de sua história, desde o período em que sua

função era de apenas verbo auxiliar até o período em que foi aglutinado como desinência indicadora de tempo futuro. O autor esclareceu que existia, a princípio, uma forma perifrástica que possuía um forte caráter de auxiliaridade. Esta se dispunha, flexionada no presente, ao lado de um verbo no infinitivo (ex.: *cantare habeo*) desempenhando, no latim vulgar, o encargo de exteriorizar a vontade do falante da ocorrência de algo. Tal partícula fora, com o tempo, simplificando-se (ex.: *cantar hei*) até atingir o ponto de aglutinar-se ao verbo principal (ex.: *cantarei*).

A trajetória de mudança dessa estrutura pode servir como ponto de partida para entender o que vem sucedendo com o verbo *ir* no PB. Ele tem manifestado um caminho bastante semelhante ao exposto acima, todavia, pela direção contrária: nossa língua, que já porta uma construção de futuro sintética por intermédio da adição de desinências ao final dos verbos (ex.: *nós falaremos*) tem sido palco de uma disputa entre esse tipo de estrutura e outras elaboradas a partir da junção de um verbo auxiliar antes de verbos no infinitivo (ex.: *nós vamos falar*; *nós iremos falar*).

Essas partículas perifrásticas, as quais se citam nessa pesquisa, segundo Câmara Júnior (2002), interessam às locuções gramaticais em que um item auxiliar desempenha apenas um papel gramatical e o restante das noções semânticas ficam alocadas no vocábulo principal. Essa será a definição assumida nesta pesquisa, juntamente com o uso do termo “perífrase verbal”. A maioria das gramáticas apresenta outras nomenclaturas para fazer referência a estes tipos de construções, no entanto, sem qualquer preocupação de se explicar os pormenores de suas escolhas. Said Ali (1966), por exemplo, em sua *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, não diferencia os conceitos de construção perifrástica e tempo composto e nem sequer menciona a função do verbo *ir* quando nessas posições. A mesma indistinção parece ocorrer com Cunha e Cintra (1985) que apenas discutem sobre a existência da locução verbal, a união entre um verbo auxiliar e um verbo principal.

Para realizar as análises desta pesquisa, o respaldo utilizado vem da vertente teórica gerativista, assim para uma definição de gramaticalização mais adequada com essa vertente, o estudo de Vitral e Ramos (2006) é tomado como referência para fundamentar o processo sofrido pelo verbo *ir* nas perífrases verbais de futuro.

Os autores discutem a validade dos conceitos de (i) *gradualidade* nas etapas do ciclo de gramaticalização e de (ii) *concomitância* das formas em competição ao longo do processo de mudança sintática. De

maneira geral, assumem a postura de que a gramática interna dos falantes interpreta os itens em competição como elementos de categorias distintas. Eles afirmam que “o sistema computacional não ‘enxergaria’, portanto, o processo de recategorização. Este, na realidade, seria um epifenômeno captado pelo linguista quando compara estágios diferentes de uma língua” (VITRAL; RAMOS, 2006, p. 23). Para dar prosseguimento a uma explicação formal sobre a gramaticalização, os autores apresentam as seguintes sentenças:

- (1) a) Eu tenho dez vira latas.
b) Eu tenho conhecido muita gente boa.
(VITRAL; RAMOS, 2006, p.23)

Com o propósito de esclarecer o papel do sistema computacional no processo de gramaticalização, por uma visão gerativista, Vitral e Ramos (2006, p. 24) explicam (1a) e um (1b) acima, retomados na citação abaixo como (5a) e (5b) respectivamente, da seguinte maneira:

No estágio atual da língua portuguesa, o verbo *tenho*, em (5a) indicando posse, coexiste com o auxiliar *tenho* em (5b). Vamos supor, assim, que se trata de dois itens diferentes que pertencem ao componente lexical. O primeiro deles é categorizado como pertencente à classe de verbos e o outro à da classe dos auxiliares. Quando o sistema computacional, através de suas operações, insere dois itens em arranjos sintáticos, ele “enxerga” os traços categoriais que definem a classe sintática dos dois itens e os aloca de acordo com esses traços. Assim, em (5), *tenho* [lexical] é inserido no ambiente __NP e *tenho* [gramatical] encontra-se no ambiente __VP. Em nossa ótica, portanto, a gradualidade identificada nos trabalhos sobre gramaticalização não tem a ver com a possibilidade de indefinição da classe de um item. Para nós, ou o item é de uma classe ou de outra. Em outras palavras, quando o item é inserido numa estrutura oracional, ele já tem sua classe sintática definida. Diferentemente de outras abordagens, não estamos focalizando aqui as potencialidades do item, mas sua presença em um contexto específico, o que acarreta a necessidade de um estatuto categorial definido, não ambíguo. Deve-se ressaltar aqui que o que dá a impressão de gradualidade categorial do item é o “olhar” externo sobre a língua. Dentro de uma estrutura um item nunca tem estatuto categorial indefinido ou mesmo ambíguo.

Como pode ser visto, Vitral e Ramos propõem que a gramaticalização do verbo *ter* no português desenvolveu dois itens diferentes, um com valor de posse e outro com valor existencial. Por esse entendimento, os autores estabelecem uma das formas de distinção entre a abordagem formal da gramaticalização e a perspectiva funcionalista: na primeira o item é inserido em uma estrutura oracional com sua classe sintática definida, ou seja, sem a possibilidade de um valor ambíguo; já, no modelo funcionalista, a definição da classe sintática de um item só pode ser estabelecido através de sua inter-relação com os outros itens dos enunciados devido às suas potencialidades semântico-sintáticas, caracterizando uma ambiguidade em determinadas construções, segundo esta abordagem. O modelo gerativista não discute o valor polissêmico de um item, tal como o verbo *ter*. A teoria entende a existência de uma única forma com duas entradas lexicais. Em outras palavras, na vertente funcionalista, o verbo *ter* seria uma palavra polissêmica, ou seja, uma única palavra com mais de uma possibilidade de sentido; na vertente formal gerativista, o verbo *ter* seria uma homonímia, ou seja, haveria dois verbos com entradas lexicais diferentes, mas escritos de uma mesma forma.

Neste estudo, advoga-se que da mesma forma que Vitral e Ramos (2006) consideram existir uma única forma com duas entradas lexicais para o verbo “*ter*”, haveria também uma única forma com duas entradas lexicais para o verbo “*ir*”.

- (2) (a) Eu vou à praia.
- (b) Eu vou pensar na praia.

No português atual, o verbo “*vou*”, em (2a) com o sentido de movimento, coexiste com o verbo auxiliar “*vou*” em (2b). A possibilidade de acessar essas duas entradas lexicais desse verbo veio a partir da gramaticalização desse item. Dessa forma, o sistema computacional enxerga traços categorias distintos em cada uma dessas sentenças, uma vez que quando o item é inserido numa estrutura oracional, ele já tem sua classe sintática definida. Portanto, o verbo “*ir*” não possui uma ambiguidade de uso no sistema linguístico, mas sim uma forma homonímica para entradas lexicais distintas: uma como verbo pleno (2a) e outra como verbo auxiliar (2b).

Entender a formação da perífrase verbal com o verbo “*ir*” como uma entrada lexical independente, gerada pela gramaticalização do verbo

“ir” pleno, é algo importante neste estudo. Acredita-se que a variação (ou mudança em progresso) da forma do futuro no PB atual, com o uso de construções perifrástica, seja motivada por essa forma inovadora de construção na língua, independentemente de qual verbo o acompanhe. Desse modo, na próxima seção, serão discutidas as duas possibilidades de construção do futuro no PB: futuro sintético e futuro perifrástico.

3 A realização do futuro sintético e do futuro perifrástico

Estudos sobre a variação do uso do tempo futuro é um tema que vem sendo trabalhado por vários autores, especialmente, a partir de uma perspectiva da sociolinguística variacionista, trazendo resultados de várias regiões do país, como da região de Vitória no Espírito Santo (BRAGANÇA, 2008), da cidade de São José do Rio Preto em São Paulo (FONSECA, 2010) e de cidades do Ceará (VIEIRA, 2014). Especificamente para esta seção, serão apresentados resultados de trabalhos realizados por Adriana de Oliveira Gibbon (2000), Adriana Morcelles dos Santos (1997) e Josete Rocha dos Santos (2000).

A escolha por esses trabalhos se deu porque, de maneira geral, os resultados desses estudos sintetizam, para esta revisão bibliográfica, as principais formas de uso do futuro em seus principais contextos de realização: fala e escrita em situações formais e informais. Os estudos de Santos, A. (1997) e Santos, J. (2000) apontam resultados sobre o uso do futuro em situação formal de uso. O primeiro de forma escrita e o segundo de forma oral. Já Gibbon (2000) traz resultados sobre o uso do futuro em situação de fala informal. Ou seja, as pesquisas dessas linguistas contrapuseram a utilização das construções de expressão do futuro em relação ao registro de modalidade formal/informal e em relação a fala e a escrita. As construções de futuro encontradas nesses estudos foram: futuro sintético, o futuro perifrástico e o presente com referência futura, (*nós falamos isso amanhã*).

Santos, A. (1997), ao analisar algumas revistas de alcance nacional e transcrições de discursos pronunciados no Congresso Nacional, atestou que em textos formais escritos prevalece o uso do futuro sintético e do presente do indicativo com referência futura. Já a pesquisa realizada por Santos, J. (2000) com debates em emissoras de rádio do Rio de Janeiro (RJ) demonstrou que quando se trata de um texto formal, mas no registro oral, as três variantes do futuro aparecem concomitantemente no discurso.

Gibbon (2000), por sua vez, evidenciou que o futuro sintético praticamente inexistente em textos orais informais. Ao analisar dados do Projeto Varsul com entrevistas concedidas por moradores da cidade de Florianópolis/SC, a linguista averiguou apenas a presença do futuro perifrástico e do presente do indicativo denotando futuro.

A pesquisa da autora constatou ainda que o fator idade tem influência significativa no uso entre uma construção e outra, sendo possível deduzir que se trata de uma mudança em progresso: indivíduos jovens e de meia-idade apresentaram maior frequência no uso das formas inovadoras em relação aos mais velhos, que se mostraram mais conservadores.

A partir de resultados como esses, o objetivo deste estudo está em mensurar a intuição do falante, quando diante de verbos hipotéticos. A hipótese se baseia no fato de que se for uma mudança em estágio avançado, como mostram os resultados da literatura sobre o tema, mesmo diante de verbos nunca vistos, a tendência maior será o uso do futuro perifrástico e não do uso do futuro sintético nas sentenças. Apesar de ser um experimento intuitivo, por estar em uma plataforma online e executado por informantes escolarizados, pretende-se ainda averiguar o grau de influência da gramática periférica sobre a gramática nuclear desses informantes.

4 Gramática Nuclear versus Gramática Periférica

O experimento deste artigo foi pensado de modo que o informante não acessasse de maneira contínua seus conhecimentos escolares.¹ Para isso, os formulários foram elaborados de maneira que o informante devesse marcar uma alternativa dentre três disponíveis, optou-se por não pedir ao informante que escrevesse, pois poderia suscitar um exercício de análise gramatical escolar de uma forma explícita. No entanto, como não foi possível mensurar o tempo que o informante demorou para marcar as questões e por se tratar de um formulário escrito com indícios de um estudo sobre linguagem, acredita-se que os resultados possam ter sofrido algum tipo de influência que não seja observada na fala espontânea.

¹ Destaca-se que por se tratar de verbos hipotéticos, não foi possível realizar um experimento sem o uso de questionários. Realizar um experimento oral, como por entrevistas, seria algo muito artificial e com resultados poucos confiáveis, uma vez que não trataria de uma situação real de uso da língua.

Para tanto, é importante levar em conta dois conceitos introduzidos por Chomsky (1981) e posteriormente discutidos por Kato (2005): o conceito de gramática nuclear e o de gramática periférica.

No sentido chomskiano do termo, a gramática de periferia armazena resíduos de mudança, empréstimos, inovações linguísticas, dentre outros, sendo que os indivíduos de uma mesma comunidade linguística podem divergir em larga escala na manifestação ou não desses aspectos; já a gramática nuclear abarca os elementos que compõem a competência natural dos falantes, determinada no processo natural de aquisição da linguagem ao longo de sua infância.

Em outras palavras, o primeiro desses termos refere-se à gramática gradativamente criada pela criança na medida em que ela entra em contato com o *input* linguístico de sua comunidade. Tal gramática absorve os parâmetros dessa língua, desenvolvendo, desse modo, um sistema de funcionamento. O segundo, por sua vez, reporta à gramática gradativamente criada pelo falante quando ele inicia o seu processo de escolarização. Assim como a outra, essa gramática assimila os parâmetros ensinados pela escola para o uso da língua o que acaba desenvolvendo outro sistema de funcionamento na mente.

Diante disso, Kato (2005) adapta a ideia de que no Brasil a aquisição dessa gramática assemelha-se à aprendizagem de uma segunda língua. Ou seja, a autora argumenta que em favor da ideia de que as fontes provedoras da periferia estão ligadas à escolarização, que é a responsável pelo aprendizado da escrita. Isso em decorrência de ela possuir parâmetros de funcionamento às vezes opostos aos da gramática nuclear, ou seja, aquela adquirida pela criança antes de sua inserção no mundo escolar. Nesse sentido, é possível que ocorra na mente do falante uma competição entre ambas, uma vez que tanto a gramática da escrita, quanto a gramática de periferia teriam início depois de uma idade crítica para a aquisição, condição que abre espaço para a emergência de diferenças individuais marcantes.

A interferência da gramática periférica na gramática nuclear do falante faz com que determinadas mudanças linguísticas sejam mais lentas e apresentem-se mais conservadoras em determinados contextos quando comparados a outros. Neste trabalho, ao envolver informantes escolarizados, pretende-se mensurar o quanto a gramática periférica pode influenciar um falante nativo em um contexto de teste linguístico, elaborado por questionário online.

5 Exposição das etapas de elaboração do experimento

Como apresentado na seção três, a disseminação nas modalidades oral e escrita de novas possibilidades sintáticas para a formação do futuro do presente do indicativo guia o PB em direção a uma provável mudança linguística, o que mostra que nossa língua, assim como qualquer outra, também se metamorfoseia. E já que muitas das expressões advindas do uso dessas inovações tornaram-se recorrentes no cotidiano dos falantes, ou seja, já que essa comunidade linguística tem sido frequentemente exposta às perífrases, optou-se por adotar uma metodologia que anulasse ou, ao menos, limitasse a interferência dessas construções paulatinamente cristalizadas. Para tanto, definiu-se que a utilização de verbos hipotéticos seria a melhor alternativa para perceber o avanço dessa mudança na intuição daqueles que têm o PB como língua materna. Essa escolha, inclusive, entra em concordância com a visão gerativista assumida para fazer a análise dos dados, pois a ela não pesa tanto discutir sob que contextos sócio-econômico-culturais ocorre maior ou menor uso de um futuro e outro e sim como essas formas se distribuem em relação à língua em si.

A criação de um conjunto de palavras nessa classe gramatical ofereceu aos informantes a possibilidade de moldarem-nas de acordo com suas próprias regras. Claro, tais regras não são tão individuais assim, visto que provêm, ademais de outros fatores, de relações de caráter social. Porém, deve-se reconhecer que o contato com expressões nunca antes ouvidas, faladas ou escritas, certamente cedeu uma maior liberdade ao indivíduo, pois lhe permitiu o acesso consciente a sua memória linguística iniciando um processo de reflexão que findou na preferência de uso de uma estrutura sintática em detrimento de outra.

Para compreender de forma mais clara essas questões, utilizar-se-ão posteriormente exemplos da inserção desses verbos num contexto situacional. Antes disso, serão esmiuçados os métodos que nortearam esse primeiro momento de produção dos verbos conduzido não somente pela criatividade linguística inerente, segundo Chomsky (1972), a todos os falantes, como também por uma base de elementos prefixais, sufixais e radicais da formação de palavras da língua portuguesa.

5.1 Processo lógico-criativo de elaboração dos verbos

A fim de que houvesse a simulação das estruturas verbais do PB, decidiu-se pela criação de quinze verbos hipotéticos divididos igualmente nas três conjugações existentes: os de primeira conjugação (terminados em *-ar*), de segunda conjugação (terminados em *-er*) e os de terceira conjugação (terminados em *-ir*). Desse modo, seria possível manter um olhar analítico sobre a equiparação ou não da interferência dos futuros sintético e perifrásticos em cada um desses grupos. Buscou-se seguir os padrões de formação verbal da língua portuguesa e por isso o detalhamento em descrever todo o processo lógico-criativo da elaboração dos verbos.

Como os sujeitos da pesquisa foram, preferencialmente, pessoas que já tivessem ingressado no ensino superior, houve a preocupação em apresentar verbos que denotassem alguma ação do cotidiano desses graduandos. Alguns exemplos são os verbos *cafoitar*, *tececer* e *vuniver*. Este condiz ao ato de economizar cada mísera moeda possível para arcar com os custos do ensino superior; esse ao de amanhecer escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e aquele à ação de passar uma noite inteira desperto à base de cafeína (café, energéticos etc.). Sabe-se que, às vezes, há pouco tempo disponível para que os estudantes lidem com todas as obrigações que esse nível de ensino demanda, portanto, passar madrugadas acordado é algo que a maioria vivencia, vivenciou ou viu alguém vivenciar.

Os verbos *facevirar* e *tougar*, de primeira conjugação, foram pensados como uma forma de aproximar a tecnologia e as redes sociais ao mundo dos informantes. Enquanto o primeiro representa o ato de fazer com que uma postagem adquira rapidamente curtidas e compartilhamentos no *Facebook*, o segundo refere-se ao uso do *Near Field Communication* (NFC), uma tecnologia para *smartphones* desenvolvida há um pouco mais de uma década. *Facevirar* surgiu a partir das promoções realizadas no *Facebook* em que o ganhador de um prêmio é aquele que consegue a maior quantidade de curtidas e/ou compartilhamentos dentro de um espaço de tempo limitado.

Cinlaranjer, por sua vez, foi pensado a partir da necessidade de se trabalhar com um verbo impessoal. Ele exprime um fenômeno da natureza: o processo pela qual o céu, em dias nublados, recebe os matizes da luz solar criando um belíssimo contraste entre as cores cinza

e laranja. Como ele não será utilizado em sentidos figurados, só poderá ser conjugado na terceira pessoa do singular.

Dentre os quinze verbos, há também dois de tipo reflexivo, ou seja, aqueles em que a ação do sujeito recai sobre si mesmo. *Enchovescer-se* é um dos verbos que satisfaz essa característica; ele alude ao sentimento de tristeza e/ou paz no qual imerge uma pessoa durante ou após ouvir o som da chuva. O outro é *atemporar-se* que remete àquelas situações em que se fala com uma pessoa, porém ela não o ouve porque sua mente está em outro lugar, outro tempo. Há de se notar aqui que fora utilizado a terminação *-or*, justamente numa tentativa de representar o verbo pôr e seus derivados (dispor, repor, transpor etc.). Apesar de sua terminação, ele pertence ao grupo dos verbos de segunda conjugação já que o mesmo fora criado a partir da junção do prefixo *a-* (negação, afastamento), do substantivo *tempo* e do verbo *pôr*, que antigamente se transcrevia como *poer*.

E já que se falou em prefixo, será esquadrinhada agora a formação dos verbos a partir desses elementos linguísticos. *Abscamar*, por exemplo, que indica a ação de lutar contra o irresistível desejo de permanecer na cama mesmo quando se tem compromissos a fazer, surgiu com a aglutinação do prefixo *abs-*, que expressa uma relação de afastamento, e do substantivo *cama*. *Peristorir* traz consigo o prefixo *peri-*, que expressa a relação “em torno de”, unido ao substantivo *história*. Ele remete ao processo de adentrar-se totalmente num universo narrativo a ponto de emocionar-se e preocupar-se com o destino das personagens.

Enchovescer-se, o qual teve seu significado explanado anteriormente, é resultado da ligação entre o prefixo *em-*, que indica movimento para dentro, com o substantivo *chover* e o sufixo *-escer*, marcador dos verbos incoativos (aqueles que denotam o início de uma ação, tal como ocorre com *envelhecer* e *adormecer*).

Há outros verbos que não foram mencionados. Portanto, a seguir, encontram-se todos os quinze, em ordem alfabética, divididos silabicamente e seguidos de suas respectivas transcrições fonéticas, definições, exemplos de uso e as combinações que os inspiraram:

- (3) **a)** *abs.ca.mar* /aβskæ'mar/ Ação de lutar contra o irresistível desejo de permanecer na cama mesmo quando se tem compromissos a fazer. *Exemplos de uso:* Nós temos abscamado muito neste inverno; Atrasei-me hoje

porque fiquei abscamando por uma hora. *Inspiração*: combinação entre o prefixo *abs-* (relação de afastamento) e o substantivo *cama*;

- b) a.ner.gir** /aner'zir/ Ação de deslocar-se sem forças/energias até algum lugar. *Exemplo de uso*: Anergi ao posto, pois estava muito doente e não havia ninguém que pudesse me oferecer carona. *Inspiração*: combinação entre o sufixo *an-* (relação de negação), o substantivo *energia* e o verbo *ir*;
- c) a.tem.por-se** /atem'porsi/ 1 Pôr-se em outro tempo 2 Viajar mentalmente a um tempo que não o presente e perder a atenção sobre o que os outros lhe falam. *Exemplo de uso*: João, você anda se atempondo. Nunca mais ouve o que falo! *Inspiração*: combinação entre o prefixo *a-* (relação de negação, afastamento), o substantivo *tempo* e o verbo *pôr*;
- d) ca.foi.tar** /kafoj'tar/ Ação de passar uma noite em claro à base de cafeína (xícaras de café, energéticos etc.). *Exemplo de uso*: Eu lhe disse que você só conseguiria finalizar aquele artigo se cafoitasse por alguns dias. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *café* e o verbo *pernoitar*;
- e) cin.la.ran.jer** /sĩlaɾĩ'zer/ Processo em que o céu em dias nublados recebe as diferentes matizes de um pôr do sol formando, assim, um admirável contraste entre cinza e laranja. *Exemplo de uso*: Nossa! Vou tirar uma fotografia desse céu. Não é sempre que se pode vê-lo cinlaranjendo. *Inspiração*: combinação entre os substantivos *cinza* e *laranja* e o sufixo *-escer* (verbo incoativo).
- f) en.cho.ves.cer-se** /ẽ|ove'sersi/ Entrar em um estado de espírito de paz ou tristeza durante ou após ouvir o som da chuva. *Exemplos de uso*: Geralmente em dias assim, eu sempre enchovesço; Agora ela está com uma expressão tão distante. Acho que ficou enchovescida. *Inspiração*: junção entre o prefixo *em-* (relação de movimento para dentro), o verbo *chover* e o sufixo *-escer* (verbo incoativo);
- g) e.xir** /e'zir/ Ação de chegar na hora exata em que fora marcado um encontro/compromisso. *Exemplos de uso*: Eu nunca deixei de exir a algum encontro; Tenho muitas dificuldades para exir, por isso perco muitas pretendentes. *Inspiração*: combinação entre o adjetivo *exato* e o verbo *ir*;

- h) **fa.ce.vi.rar** /fɛjsivi'rar/ Ato ou efeito de fazer com que alguma postagem adquira curtidas e compartilhamentos rapidamente no Facebook (rede social). *Exemplo de uso*: Aquele nosso vídeo para a promoção foi o que mais facevirou. *Inspiração*: combinação entre o substantivo Facebook e o adjetivo viral;
- i) **jo.vir** /ʒo'vir/ Desejar ou ter a capacidade de retornar aos tempos de juventude. *Exemplos de uso*: Como queria tanto jovir aos meus vinte anos de idade só para fazer tudo diferente; Naquele momento em que o mundo caiu sob seus pés, ele desejou jovir mais que nunca. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *juventude* e o verbo *ir*;
- j) **pe.ris.to.rir** /peristo'rir/ Adentrar-se totalmente no universo narrado de uma história a ponto de, por alguns momentos, emocionar-se e preocupar-se com o destino das personagens. *Exemplo de uso*: Aquele romance que minha mãe me deu é tão bom que estou peristorindo do início ao fim. *Inspiração*: combinação entre o prefixo *peri-* (relação de entorno) e o substantivo *história*;
- k) **pre.se.mir** /prese'mir/ Ato de insinuar a alguém, quando próximo a uma data festiva, do(s) presente(s) que se deseja ganhar. *Exemplo de uso*: Acertei no presente, não é? Percebi que estava presemindo aquela cafeteira. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *presente* e o radical *sema* (sinal);
- l) **su.fri.nar** /sufri'nar/ 1 Entrar em estado de tristeza por imaginar situações hipotéticas ruins. 2 Sofrer por antecedência. *Exemplo de uso*: Eu não entendo o porquê de eu sufrinar por todos os meus relacionamentos. *Inspiração*: combinação entre os verbos *sofrer* e *imaginar*;
- m) **te.ce.cer** /tese'ser/ Ação de amanhecer o dia escrevendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). *Exemplo de uso*: Essa semana tive que tececer quase todos os dias. *Inspiração*: combinação entre o substantivo *TCC* (tececeê) e o verbo *amanhecer*;
- n) **tou.gar** /tow'gar/ Utilizar a tecnologia Near Field Communication (NFC) para realizar pagamentos e/ou transferir arquivos de um celular a outro apenas aproximando-os. *Exemplo de uso*: Querido, não precisa usar dinheiro vivo para o ingresso

do cinema. Tente tougar que é mais cômodo. *Inspiração*: combinação entre os verbos *tocar* e *pagar*;

- o) **vu.ni.ver** /vuni'ver/ Ação de economizar cada mísera moeda a fim de se guardar dinheiro o suficiente para arcar com os custos de se estudar em uma instituição de ensino superior. *Exemplo de uso*: Ultimamente, não está sendo fácil vuniver à UFFS; Tenho medo de que depois de mudar de cidade não vunivamos lá. *Inspiração*: combinação entre o verbo *viver* e o substantivo *universidade*.

Deve-se perceber que existiu a preocupação enquanto à extensão dos verbos. Isso devido ao fato de que, talvez, essa característica influísse sobre a porcentagem de uso ou não das formas perifrásticas: porventura, preferir-se-ia a forma sintética com verbos de menor extensão e com os de maior extensão as formas perifrásticas. Por esse motivo, três verbos da quinzena foram construídos dissilabicamente, oito trissilabicamente e quatro possilabicamente.

5.2 Sobre o caráter estrutural do formulário

Todos os informantes dessa pesquisa tiveram contato com cada um desses hipotéticos verbos a partir de um formulário *online* criado com a plataforma *google.docs*. Nesse formulário, constou a explicação do que se tratava a atividade e além dos verbos em si, separados de forma silábica, houve também um pequeno trecho detalhando seus significados e orações ilustrando o uso. Tais orações não estavam no futuro do presente do indicativo justamente pelo fato de que esse é o objeto da pesquisa. Além dessas informações, o informante teve disponível um áudio para que não tivesse qualquer dúvida no que concernia à pronúncia correta do verbo. Viu-se necessário o uso desse mecanismo, porque alguns deles são formados por letras que coincidem com mais de um fonema. É o caso do verbo *exir*. A letra *x*, nessa palavra, tem o som do fonema /s/, /z/, /ʃ/ ou do fonema /ks/? E quanto ao verbo *facevirar*? O informante repararia que alguns traços fonológicos dessa palavra mantêm os traços fonológicos originais da palavra *Facebook*, de origem inglesa? Com os áudios, essas dúvidas seriam sanadas.

Após a apresentação do verbo, um espaço foi dedicado às orações que serviram para induzir os informantes a utilizar alguma forma futura do

verbo. Essas orações apresentaram lacunas para que eles as visualizassem e elegessem a palavra que melhor se encaixava àquele espaço. Além disso, existiram outras frases *distratoras*, com construções verbais distintas. Essas frases se prestaram ao desvio da atenção do informante, com vistas de que ele não descobrisse o objeto o qual se estava estudando. Abaixo, poder-se-á ter uma noção de como tudo isso foi retratado ao informante através do exemplo do verbo hipotético *presemir*:

FIGURA 1 – Apresentação do formulário para o informante

6º verbo hipotético

pre.se.mir 1 Ato de insinuar a alguém, quando próximo a uma data festiva, do(s) presente(s) que se deseja ganhar.

Exemplo de uso: Acertei no presente, não é? Percebi que estava presemindo aquela cafeteira.



Escolha as formas mais naturais para o verbo acima que se adequem às orações abaixo:

11 - Quando fomos ao centro, Jonas _____ aquele Playstation 4, mas como não tínhamos dinheiro para isso o presentearmos com outra coisa.



- tinha presentido;
- presemiu;
- presemia.

Como pode ser visto, na figura 1 acima, inicialmente, foi apresentado ao informante o significado do verbo hipotético, como em um dicionário. Junto à explicação do sinônimo, havia exemplos de aplicação do verbo em sentenças, nenhuma delas no tempo futuro para não direcionar as respostas dos informantes. Havia também um arquivo de som para que o informante pudesse ouvir a pronúncia do verbo, caso quisesse. Só depois disso, o experimento propriamente dito era solicitado. No exemplo acima, a primeira sentença solicitada para completar o questionário, trata-se de uma sentença distratora, pois ela não contempla o ambiente de interesse do presente estudo: o futuro. A sentença com o contexto de interesse desse estudo vinha logo a seguir:

FIGURA 2 – Exemplo de sentença elaborada para o informante escolher a melhor forma de uso do verbo hipotético no futuro

12 - No próximo fim de semana, _____ aquele celular que vi na Havan para o meu namorado. Quem sabe assim ele não sabe o que comprar para o Natal.



- presemirei;
- irei presemir;
- vou presemir.

Todo verbo hipotético continha ao menos duas sentenças para que o informante pudesse marcar o contexto que mais lhe agradava, sendo uma com sentido de futuro e a outra em qualquer tempo verbal, diferente do futuro, com a função distratora. A ordem de apresentação dessas sentenças foi feita de forma aleatória para que não condicionasse o informante, ou seja, ora a sentença com o futuro vinha em primeiro, ora a sentença distratora aparecia primeiro.

Nesse caso do verbo *presimir*, trabalhou-se com a conjugação na primeira pessoa do singular (eu). No entanto, foram elaboradas, nessa pesquisa, sentenças com exemplos de todos os pronomes, com exceção do *tu* e do *vós*; este último, por não ser mais utilizado no PB, tanto nas modalidades oral quanto escrita (a não ser em contextos extremamente

específicos como em textos bíblicos); e aquele por não apresentar um paradigma de conjugação de uso recorrente. Na maior parte do Brasil, o pronome de segunda pessoa do singular é conjugado com as mesmas desinências da terceira pessoa do singular. Então, em vez de *tu escreves* o *-s* é suprimido e se converte em *tu escreve*, no lugar de *tu tens* se ouve *tu tem* e assim por diante.

Seguindo com a exposição do componente metodológico da pesquisa, depois que todas as respostas foram recolhidas, foi criado um banco de dados em que se analisou a frequência de uso das formas sintética e perifrásticas e sob que contextos elas eram concebidas.

Algo importante a ser ressaltado aqui é que toda esta pesquisa passou primeiramente por uma avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)² para garantir a integridade e a dignidade dos informantes contribuindo, assim, com o desenvolvimento científico dentro de padrões éticos aceitáveis.

5.3 Perfil dos participantes

O experimentou contou com a participação voluntária de 62 (sessenta e duas) pessoas brasileiras com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos e com, minimamente, o ensino médio³ concluído. A faixa etária variou de 18 (dezoito) a 52 (cinquenta e dois) anos. No que se reporta ao grau de instrução, houve um maior número de informantes com ensino superior completo, como ilustra o Quadro 1.

QUADRO 1 – Distribuição dos informantes segundo a formação escolar

Grau de instrução	Número de informantes
Ensino Médio Completo e/ou Ensino Superior Incompleto	25
Ensino Superior Completo	37

Fonte: Elaborado pelos autores.

² Número do processo de aprovação no CEP: **CAAE**: 81843517.8.0000.5564

³ O foco deste estudo está em observar a intuição de falantes escolarizados, por esse motivo, optou-se pela exigência mínima do ensino médio completo.

6 Apresentação e apreciação dos dados

Pode-se enunciar, desde aqui, que a compilação dos resultados trouxe asseverações bastante relevantes. Portanto, a princípio, serão apresentados os dados numa visão mais geral do fenômeno e, posteriormente, serão apresentados os resultados em relação a contextos específicos, buscando identificar se há algum fator linguístico favorecendo o uso de uma forma ou de outra das variantes. A Tabela 1 abaixo traz os dados estatísticos gerais de uso dos dois tipos de construção sintática de futuro (Futuros Perifrásticos – FPs – e Futuro Sintético – FS) com cada um dos verbos hipotéticos:

TABELA 1 – Dados estatísticos gerais do uso dos dois tipos de construção futura

Verbos hipotéticos	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
sufrinar	31	31	50,00%	50,00%
peristorir	32	30	51,61%	48,39%
tougar	32	30	51,61%	48,39%
facevirar	33	29	53,23%	46,77%
abscamar	34	28	54,84%	45,16%
exir	34	28	54,84%	45,16%
anergir	35	27	56,45%	43,55%
vuniver	39	23	62,90%	37,10%
tececer	39	23	62,90%	37,10%
cafoitar	40	22	64,52%	35,48%
presemir	41	21	66,13%	33,87%
cinlaranjer	42	20	67,74%	32,26%
atempor-se	42	20	67,74%	32,26%
jovir	42	20	67,74%	32,26%
enchovescer-se	48	14	77,42%	22,59%
Total parcial	564	366	60,65%	39,35%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como pode ser observado, as duas possibilidades de se fazer referência a uma ação futura a partir de perífrases (uma com o verbo *ir* no presente e outra com o verbo *ir* no futuro) atingiram uma porcentagem de uso igual ou superior aos 50% com todos os verbos hipotéticos. A forma tradicional, por sua vez, concebida pela adição de desinências ao final de verbos no infinitivo, atingiu uma margem que variou de 50% aos 22%, corroborando para a hipótese de que ela vem sendo preterida em relação à forma inovadora.

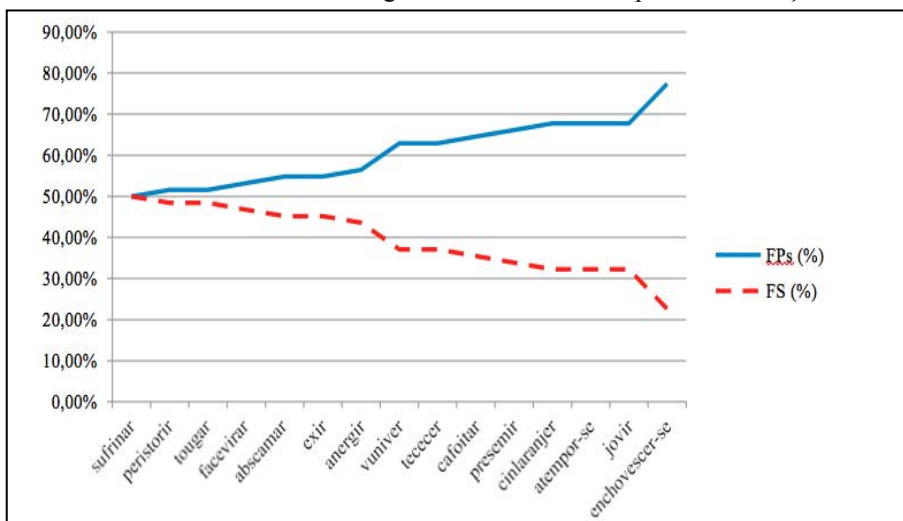
Os diagnósticos foram auferidos, como mostra a última linha da tabela, por meio da obtenção de 930 (novecentos e trinta) dados linguísticos – 62 (sessenta e dois) dados por verbo. Desse total, em mais de 60% averiguou-se a manifestação das perífrases, restando ao FS um aparecimento em aproximadamente 39% dos casos. Não é plausível afirmar, diante desses resultados, que há uma mudança linguística efetivada; os dados, porém, sinalizam de forma clara que existe uma tendência à implementação do uso de um futuro constituído por partículas perifrásticas.

É interessante ressaltar que esses resultados divergem, quantitativamente, de pesquisas realizadas com gravações orais, tais quais a de Gibbon (2000), em que foi praticamente evidenciada a ausência do uso do FS. No entanto, os resultados demonstram que mesmo diante de informantes escolarizados, que passaram pela influência da gramática periférica, a forma inovadora para o futuro, com o uso de perífrase, apresentou uma porcentagem superior em relação à construção com o futuro sintético. Metodologicamente, há grandes diferenças entre o estudo de Gibbon (2000), que analisou contextos de fala, e o presente experimento, realizado com o suporte de um questionário online, em que o exercício de leitura acabou remetendo a uma modalidade mais formal e relacionada à escrita. Assim, pesquisas como de Santos, A. (1997) e Santos, J. (2000), que analisaram contextos formais de produção e detectaram a presença do futuro com formas sintéticas e perifrásticas, possuem resultados mais convergentes com a presente pesquisa. Além disso, por se tratar de verbos hipotéticos, acredita-se que, diante do novo, o informante tenha acionado sua gramática periférica para conjugar os verbos nos contextos apresentados, tornando o FS ainda produtivo na língua.

A seguir, o gráfico 1 traz as mesmas informações contidas na primeira tabela, ilustrando visualmente a flutuação detectada no experimento em relação ao uso de um tipo de futuro e outro. É importante

destacar a figura produzida pelo tempo verbal em relação aos verbos, pois além dos valores, a figura aponta indícios de inconstâncias nessa relação, demonstrando uma dificuldade em determinar a existência de um fator linguístico (terminação verbal e/ou tamanho do verbo) como justificativa para a variação encontrada nos dados, reforçando a hipótese de uma competição de gramáticas devido às influências da gramática periférica do falante em sua gramática nuclear.

GRÁFICO 1 – Dados estatísticos gerais do uso dos dois tipos de construção futura



Fonte: Elaborado pelos autores

Antes de serem feitas as análises das variáveis dos verbos criados para este experimento, de maneira mais aprofundada, é preciso explanar sobre o sucesso da escolha metodológica em relação à forma de apresentação dos verbos para os informantes. Ao reorganizar a Tabela 1 na ordem em que os verbos foram apresentados, é possível observar na Tabela 2 o exitoso trabalho que as *sentenças distratoras* desempenharam ao impedir que os participantes da pesquisa desvendassem o objetivo do estudo. A inexistência de um padrão de respostas no decorrer do avanço do questionário é um indício que comprova esse acerto metodológico. É importante evidenciar esse acerto, pois por se tratar de um experimento que envolve conhecimentos linguísticos gramaticais escolares, os resultados apresentarem uma ausência de gradação percentual traz

mais confiabilidade ao estudo. Essa ausência de gradação percentual é visualmente perceptível nessa segunda tabela, uma vez que verbos com taxas de uso iguais ou similares para os dois tipos de futuro não estavam próximos no corpo do formulário (ex.: *peristorir* e *tougar*, com 51,61% de uso com FPs, foram apresentados aos informantes na segunda e décima quinta posições, respectivamente) e verbos com taxas de uso significativamente distintas estavam, muitas vezes, próximos entre si (ex.: os verbos *jovir* e *sufrinar*, que se encontravam um na sequência do outro no formulário, exibiram resultados com diferença superior a dezessete pontos percentuais).

TABELA 2 – Distribuição dos verbos na ordem de aparecimento no formulário

Ordem no formulário	Verbos hipotéticos	FPs (%)	FS (%)
1º	enchovescer-se	77,42%	22,59%
2º	peristorir	51,61%	48,39%
3º	abscamar	54,84%	45,16%
4º	facevirar	53,23%	46,77%
5º	cinlaranjer	67,74%	32,26%
6º	presemir	66,13%	33,87%
7º	cafoitar	64,52%	35,48%
8º	vuniver	62,90%	37,10%
9º	atempor-se	67,74%	32,26%
10º	jovir	67,74%	32,26%
11º	sufrinar	50,00%	50,00%
12º	tececer	62,90%	37,10%
13º	anergir	56,45%	43,55%
14º	exir	54,84%	45,16%
15º	tougar	51,61%	48,39%

Fonte: Elaborada pelos autores

Como dito na seção 5.1, optou-se por criar verbos com tamanhos diferentes com o propósito de identificar se sua extensão seria motivo para a escolha de um futuro ou outro. A Tabela 3, a seguir, distingue três

grupos verbais por dimensões silábicas e seus respectivos resultados para cada um dos futuros investigados:

TABELA 3 – Resultados dos dados em relação à extensão dos verbos

Extensão dos verbos	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
Dissílabos	108	78	58,06%	41,94%
Trissílabos	301	195	60,69%	39,31%
Polissílabos	155	93	62,50%	37,50%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante desses resultados, conclui-se que, independentemente do tamanho do verbo, a preferência dos informantes foi pelo uso dos FPs (todos valores acima de 50%). Ao analisar de forma cuidadosa a extensão dos verbos, é possível ainda averiguar que à medida que se aumenta o número de sílabas do verbo, observa-se uma leve inclinação para a manifestação de partículas perifrásticas, ou seja, verbos polissílabos apresentam maior porcentagem de realização com FPs que os verbos trissílabos e dissílabos; já os verbos dissílabos apresentam a maior porcentagem de ocorrências com FS na comparação com trissílabos e polissílabos.

Ainda sobre a extensão verbal, destaca-se que a mais alta taxa de aparecimento de FPs se deu com o verbo *enchovescer-se* (77,42%). Além de fazer parte dos polissílabos, este era o verbo hipotético com maior número de grafemas, ou seja, o mais alongado de todo o experimento. *Exir*, por sua vez, era o verbo que, dentre os dissílabos, possuía menos grafemas e o que apresentou a quarta maior porcentagem para uso de FS (45,16%). Em outras palavras, diante de uma conjugação como “ele se enchovescerá” e “ele vai se enchovescer”, a preferência dos informantes se deu pela segunda opção; já com verbos curtos, como *Exir*, os informantes preferiram “eu exirei” à construção “eu vou exir”. Tais apurações apenas adensam a suspeita de que realmente há um grau de alterabilidade de uso das duas construções sintáticas de futuro acarretado pela dimensão dos verbos principais diante de uma situação de teste online e de informantes com escolaridade mínima de ensino médio completo.

Em resumo, os resultados sobre a extensão verbal nos apontam que longos ou curtos, a construção pelos FPs é a preferencial pelos informantes. Ao separar os verbos por suas dimensões silábicas, observou-se que verbos longos suscitaram uma leve inclinação para a manifestação de partículas perifrásticas, enquanto que, em verbos curtos, essa inclinação foi menos proeminente.

A coleta da remessa de 930 dados linguísticos para o estudo tinha também como propósito inspecionar se haveria certa equiparação ou desarmonia na distribuição de uso dessas estruturas dentro das três conjugações existentes no PB. Relembrando que essa fora a motivação inicial para a repartição dos verbos em grupos de igual grandeza: exprimir a configuração verbal da língua em questão. Ou seja, ao criar os verbos, pensou-se no padrão usual da língua portuguesa, 1ª, 2ª e 3ª conjugações (terminações em *-ar* – *-er* – *-ir*, respectivamente).

Assim sendo, produziu-se a Tabela 4, na qual é possível identificar que todas as três conjugações obtiveram porcentagens acima de 50% na preferência pela construção perifrástica. A 2ª conjugação (verbos terminados em *-er*) apresentou uma porcentagem um pouco maior (67,74%) em relação às outras duas (54,84% e 59,35%, respectivamente):

TABELA 4 – Resultados dos dados em relação à conjugação dos verbos

Conjugação dos verbos	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
1ª conjugação (<i>-ar</i>)	170	140	54,84%	45,16%
2ª conjugação (<i>-er</i>)	210	100	67,74%	32,26%
3ª conjugação (<i>-ir</i>)	184	126	59,35%	40,65%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela 4 mostra que os contextos com verbos de primeira conjugação apresentaram uma maior realização com verbos no FS quando comparados com verbos da terceira e da segunda conjugação. Curioso esse contexto ter sido o mais restritivo (quando comparado às outras conjugações) à forma inovadora, pois no PB, muitos dos verbos novos que são incorporados à língua correspondem à primeira conjugação. Exemplos de alguns verbos incorporados a partir de empréstimos da língua inglesa: “deletar”, “digitar”, “zipar”, “xerocar”, “clicar”, dentre outros. Ou seja, a primeira conjugação, que é a mais produtiva na

incorporação de novos verbos na língua portuguesa, é também a que mais possibilita um número maior de construções com FS, forma mais conservadora. Uma possível explicação para esse quadro seria o fato de a gramática periférica dos informantes ter sido mais acionada no contato com verbos hipotéticos da 1ª conjugação, uma vez que há mais verbos com essa conjugação na língua e, conseqüentemente, com um número maior de usos nas escolas⁴.

Além da extensão verbal e da conjugação verbal, outro rearranjo dos dados se viu pertinente a ser investigado: o que contrapõe as taxas de uso dos FPs e FS no tocante à faixa etária dos participantes:

TABELA 5 – Resultados dos dados em relação à idade dos informantes

Faixas etárias	FPs	FS	FPs (%)	FS (%)
18 a 22	155	145	51,67%	48,33%
23 a 27	121	59	67,22%	32,78%
28 a 32	104	31	77,04%	22,96%
33 a 37	123	57	68,33%	31,67%
38 a 42	52	53	49,52%	50,48%
43 a 47	6	9	40,00%	60,00%
48 a 52	3	12	20,00%	80,00%

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos resultados encontrados na tabela 5, pôde-se verificar duas evidências que ratificam a hipótese de que as perífrases estão enfrentando uma mudança linguística em progresso: uma pelo fato de que elas coexistem com as formas tradicionais e outra pelo fato de que os indivíduos mais jovens, nativos de PB, têm maior preferência pelas formas perifrásticas em comparação à fração mais velha do experimento.

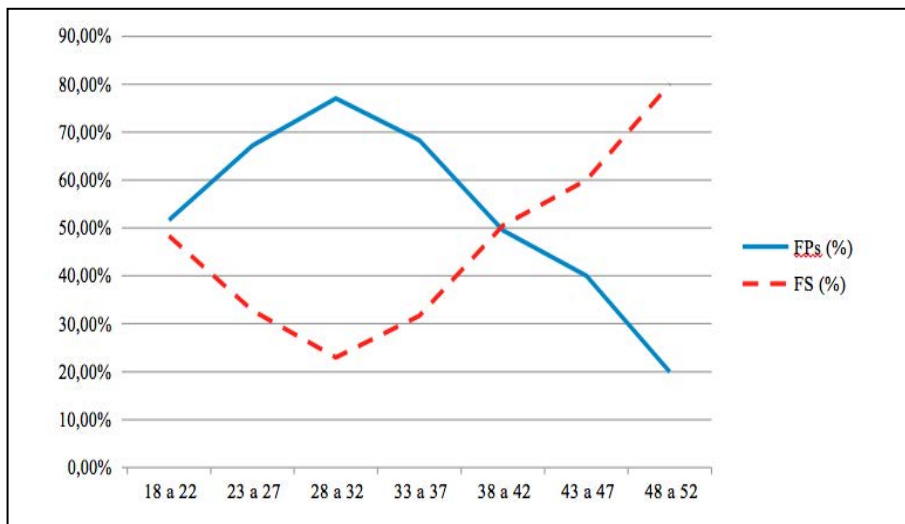
Um cenário de interpretação da tabela acima se dá pelas seguintes vertentes: (i) os mais jovens (18 a 22 anos), por terem concluído o ensino médio há menos tempo que os outros informantes, estariam mais

⁴ Estudos futuros com verbos reais precisam ser realizados para que essa hipótese seja testada.

vulneráveis a desempenhar regras gramaticais, por isso apresentaram maior alternância entre as duas variantes; melhor dizendo, travou-se uma competição de gramáticas entre aquelas que seriam suas gramáticas nucleares e aquelas previstas como sendo gramáticas periféricas; (ii) a faixa etária de 23 a 37 anos estaria há mais tempo afastada das padronizações escolares, logo, menos suscetível às regras prescritivas, o que fomenta, por sua vez, um maior índice de uso dos FPs; (iii) já a faixa etária de 38 a 52 anos teria optado, preferencialmente (média de 63,49%) pelo FS por ser uma geração anterior, sendo assim, mais conservadora às regras gramaticais.

Evidentemente, para validar tais perspectivas, um estudo minucioso e com padrões etários mais monitorados necessitaria ser realizado em trabalhos futuros. Nesta pesquisa, o objetivo era o de averiguar se haveria diferença no comportamento linguístico dos falantes por faixa etária de idades, já que se está lidando com variáveis em processo de mudança, portanto, interessou aqui apreciar a realização do fenômeno por diferentes gerações. Julgou-se, ainda, interessante a construção do Gráfico 2, que desenha as sinuosidades ocasionadas por essas diferenças de predileção entre uma construção sintática e outra em intervalos de idade particulares.

GRÁFICO 2 – Resultados dos dados em relação à faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelos autores

A partir do gráfico apresentado acima, podem-se demarcar dois pontos de convergência e dois picos de divergência. Os de convergência correspondem às faixas etárias de 18 a 22 e 38 a 42 anos e os de alta divergência às idades entre 28 a 32 e 48 a 52 anos. O Gráfico acima desenha a situação encontrada na tabela 5. A maior variação entre as duas formas de construção do futuro encontra-se na primeira faixa-etária (18 a 22 anos) devido a interferência da gramática periférica desses falantes. Estes por terem concluído o ensino médio a menor tempo, que os demais informantes, estariam mais vulneráveis às regras gramaticais e por isso mais tendenciosos em ainda produzir o FS. Assim, a competição de gramáticas demonstrada pelos dados estaria diretamente ligada às questões de interferência da escolarização, tanto que na geração seguinte, 28 a 32 anos, é quando apresenta-se o maior pico de uso da forma inovadora do futuro. Esta faixa-etária, mais tempo afastada das prescrições gramaticais, demonstrou maior uso das FPs. Já a diminuição do uso das FPs e o aumento do FS, a partir da faixa-etária dos 40 anos, demonstram um maior conservadorismo dessa geração, privilegiando formas mais conservadoras e não uso de formas inovadoras para a construção do futuro. As linhas desse gráfico, portanto, mostram com clareza a interferência causada pela gramática periférica do falante na geração mais nova e uma gramática nuclear mais conservadora a partir dos 40 anos de idade.

Por fim, apurar as porcentagens de uso entre o FP com verbo *ir* no presente e o FP com verbo *ir* no futuro foi colocado como um objetivo coadjuvante nesta pesquisa, mas interessante, principalmente, para estimular futuros estudos:

TABELA 6 – Contraste entre o FP com verbo *ir* no presente e FP com verbo *ir* no futuro

Tipo de FP	Dados brutos	Percentual de uso (%)
Verbo IR no Presente	372	65,97%
Verbo IR no Futuro	192	34,04%
Total	564	100%

Fonte: Elaborado pelos autores

Quantificar esse contraste tinha vistas a investigar se, dentre as perífrases, haveria algum tipo de preferência significativa dos informantes

por uma delas. A tabela acima nos mostra a preferência pelo uso do verbo “ir” no presente com 65,97% das escolhas dos informantes em relação à construção do verbo “ir” com uso no futuro. Esse resultado aponta indícios de uma resistência do falante em não produzir o FS no PB em qualquer tipo de contexto, inclusive na função de verbo auxiliar em uma construção perifrástica.

Em suma, os participantes que fizeram parte do estudo elegeram os FPs como uma forma mais natural para referenciar-se ao futuro quanto tinham possibilidade ainda de escolherem o FS. Ao adotarem formas perifrásticas, novamente demonstraram inclinações de preferência por aquelas que excluíam o futuro em sua construção, *Irei + V infinitivo*, preferindo a construção do verbo auxiliar no presente: *Vou + V infinitivo*.

7 Ponderações finais

A partir dos resultados obtidos neste estudo, verifica-se que o uso do futuro no PB está no caminho da mudança linguística: no lugar de uso do futuro sintético, vê-se a preferência pelo futuro perifrástico, uma vez que diante verbos hipotéticos, os informantes demonstraram preferência pela forma inovadora de futuro. Ressalta-se ainda que nessa pesquisa considerou-se a gramaticalização do verbo pleno “ir” sob um viés formal (VITRAL; RAMOS, 2006). Ou seja, considerou-se que há duas formas para acessar o verbo *ir*: uma em que ele é tido como um verbo lexical de movimento e outra em que é um verbo auxiliar na formação do futuro. Assim, levou-se em consideração que os informantes, diante dos verbos hipotéticos, estavam acessando uma configuração em que o verbo *ir + V/infinitivo* como uma entrada lexical e não como uma possibilidade de interpretação para esse verbo. Ao analisar e testar informantes nativos com verbos hipotéticos em um formulário online, o estudo averiguou que a gramática periférica do falante, nos termos de Kato (2005), se fez presente, uma vez que ao se deparar com a língua escrita, o informante acessou seu conhecimento de escolarização, diante do novo (verbos hipotéticos) em vários momentos, promovendo a produção da forma de FS na língua nos contextos analisados.

Além disso, diante da iminência de uma mudança, foi possível observar a influência de algumas variáveis para a realização do futuro no PB. Para o FS, foi constatado que verbos da primeira conjugação apresentam um maior número de ocorrências neste contexto, quando

comparado às outras conjugações. O tamanho do verbo não foi uma variável que apresentou grandes oscilações mas, de maneira geral, observou-se que verbos dissílabos apresentaram maior preferência pelo uso do FS em relação aos trissílabos e polissílabos. No que diz respeito à idade, informantes adultos acima de 38 anos demonstraram maior preferência pelo FS que pessoas nas faixas etárias anteriores. A justificativa para essa preferência estaria no fato de ser parte de uma geração anterior à geração mais nova do experimento, ou seja, informantes mais conservadores, conseqüentemente, com uma intuição gramatical com variantes menos inovadoras.

Para o futuro perifrástico, além de, quantitativamente, ter sido possível observar sua preponderância em praticamente todos os contextos, qualitativamente, averigou-se que, diante do novo (verbos hipotéticos), os verbos de segunda conjugação impeliram uma maior preferência por construções perifrásticas. No que tange ao tamanho, de maneira geral, verbos com três sílabas ou mais mostraram índices maiores que 60% para a variante inovadora. E o verbo *enchovescer-se* apresentou 77,42% de preferência com o uso de locução verbal, o maior índice do estudo. Sobre a idade, os informantes de 18 a 37 anos preferiram a variedade com FPs.

Ainda em relação à faixa etária, o grupo mais jovem, de 18 a 22 anos, foi um dos que mais apresentou maior instabilidade numérica no uso das variantes (praticamente 50%/50%). Esse fato reforça nossa hipótese de que a gramática periférica do informante foi acionada ao se deparar com verbos hipotéticos, isso porque essa geração seria a mais vulnerável às regras gramaticais devido ao curto período desde a finalização do ensino médio desses informantes.

Contribuição dos autores

O presente artigo foi produzido de maneira colaborativa pelos dois autores: Aline Gravina e Eduardo Brizola. Em relação à metodologia, os quinze verbos foram pensados, elaborados e conceituados por Brizola que também ficou responsável pela compilação dos dados. Gravina ajudou na elaboração do questionário online, além de ficar responsável pelo preenchimento do formulário na Plataforma Brasil para aprovação no Comitê de Ética da Universidade Federal da Fronteira Sul. O arcabouço teórico, a discussão e as análises dos resultados foram realizados em conjunto com a participação de ambos autores na redação do texto.

Referências

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. *A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*. 2008, 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1985.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHOMSKY, N. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1972.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications, 1981.

CUNHA, C.; CINTRA, F. L. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FONSECA, Ana Maria Hernandez. *A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *A expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *Trajetória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HOOPER, P. The Emergence of Perfective Aspect in Indo-Aryan Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 59-90.

HOOPER, P.; TRAUGOTT, J. E. *Grammaticalization*. Cambridge. Cambridge University Press, 1993.

KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, J.; LEMOS, A. (org.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1921.

OLIVEIRA, Josane Moreira. *O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANTOS, Adriana Morcelles dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SANTOS, Josete Rocha dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

VIEIRA, Maria Hermínia Cordeiro. *Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG. 2006.